

Resumo: Funcionando hoje como uma presença discreta e talvez não tanto como um meio de comunicação de primeiro plano, a rádio tem, no entanto, desempenhado um papel fundamental na construção de comunidades sonoras no espaço lusófono. Estreitamente ligada à indústria da música, mais do que qualquer outro meio, a rádio tem manifestado neste domínio uma excecionalidade nem sempre devidamente reconhecida. Numa altura em que estamos todos centrados na imagem como forma quase absoluta de expressão, parecemos esquecer que uma dimensão muito significativa da nossa identidade se faz através da sonoridade que há nas coisas e nos lugares. Ao reconhecer, portanto, que as lusofonias também são constituídas por esta alma invisível, procuraremos nesta comunicação construir um argumento em torno das potencialidades da rádio para o reforço de laços históricos e simbólicos. Desenvolveremos a este título uma atenção particular ao conceito de rádio comunitária, tomando como exemplo a Rádio Ás, uma emissora online que resulta de uma parceria entre três municípios – Aveiro-Portugal; Santa Cruz (Cabo Verde); e São Bernardo do Campo (Brasil) – e se define como um veículo da lusofonia. O objetivo é pensar as estações de rádio como colónias de som habitadas por um espírito que só o ouvido pode conhecer.

Palavras-chave: Rádio; Comunidade; Lusofonia; Identidade

1. Rádio e quotidiano

A história da rádio tem sido a história de um meio discreto, mas perseverante. Ao contrário de muitos dos anúncios apocalípticos do seu desaparecimento, a rádio tem resistido àquilo que tem sido genericamente reconhecido como algumas das suas fragilidades: a ausência de imagem e o suporte em recursos exclusivamente sonoros. A estas dificuldades especialmente relevantes numa época que se define como uma civilização da imagem, a rádio tem feito prevalecer um conjunto de virtudes: a simplicidade técnica, a portabilidade, a discrição da sua presença, cuja escuta não exige exclusividade, (Portela, 2011: 27) e uma extraordinária flexibilidade para se adaptar a novas plataformas, novos dispositivos e novos modos de escuta (Jedrzejewski, 2007: 11).

Se nos primeiros anos de emissões radiofónicas, a rádio chegava a partir de grandes ‘caixas’ de som, hoje ela está integrada nos aparelhos quotidianos, do telemóvel ao carro, onde passou a fazer parte dos componentes/aplicações essenciais. Está igualmente disponível nos computadores, especialmente através do *streaming* dos sites das estações, fazendo parte do ambiente de muitos locais de trabalho, de lojas, de institutos públicos, cafés

Colónias de som: O papel da rádio na expressão sonora das lusofonias

Madalena Oliveira¹

Centro de Estudos de
Comunicação e Sociedade/
Universidade do Minho,
Portugal

¹ É Professora Auxiliar do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho e membro integrado do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. É investigadora principal do projeto ‘Estação NET: moldar a rádio para ambiente web’ (PTDC/CCI-COM/2010/122384). É coordenadora do grupo de trabalho de Rádio e Meios Sonoros da Sopcom e vice-chair da Radio Research Section da ECREA.

madalena.oliveira@ics.uminho.pt

e até transportes públicos. Embora tenha perdido a centralidade na paisagem mediática – que, na verdade, só teve até ao aparecimento da televisão –, a rádio não tem propriamente registado uma perda de audiências. De acordo com os dados do Bareme Rádio da Marktest (um estudo regular que tem como objetivo estudar o meio rádio e mensurar a audiência das estações portuguesas), no final do ano 2013, quase 80% da população portuguesa (com 15 anos de idade ou mais) ouvia rádio pelo menos uma vez por semana¹, o que significa que a rádio é ainda um dos meios mais presentes, se não mesmo o mais presente de todos, na vida quotidiana.

Considerado “um dos meios mais democráticos e mais abertos à intervenção dos utilizadores” (Borreguero, 2008: 124), a rádio é, por outro lado, talvez o meio mais generoso e gentil no panorama da comunicação social. Feita de uma linguagem que tem tanto de racional como de emotivo (Balsebre, 2004), ela é, tanto do ponto de vista técnico como do ponto de vista da literacia, o meio menos exigente. É por isso que, em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, ela tem uma penetração particularmente elevada. Estima-se, por exemplo, que a rádio em Moçambique chegue a cerca de 60% da população, quando a televisão não chega sequer a um quinto das casas moçambicanas.

Assente em quatro elementos narrativos fundamentais – a palavra, a música o silêncio e os sons ambiente (Balsebre, 2004) –, a rádio tem uma relevância inegável em matéria de informação (diz-se que é a primeira a dar as últimas), mas também sob o prisma das produções estéticas, ela tem desempenhado uma função nem sempre bem reconhecida. Para além de ser um meio apto à proteção da expressão idiomática, ela é também um meio sensível à origem das produções culturais, sendo o mais importante agente de divulgação e consagração da música.

Embora a sociedade contemporânea tenda a valorizar muito pouco a experiência sonora – uma das razões por que a rádio tem sido um meio negligenciado em termos de investigação –, a relação da comunicação humana com o ouvido é extremamente profunda. Pela natureza indiciada do som², que é vibração e que não é uma representação outra das coisas de que é som, a experiência sonora é uma experiência de ligação ao mundo. Num livro sobre a história do som e do ouvir, David Hendy considera que a modernidade é ruidosa, mas reconhece também que “o som nos pode ajudar a compreender a história humana de uma maneira nova e mais esclarecedora” (2013: x). Sendo o som uma forma de tocar à distância, e sendo a rádio essencialmente feita de sons, ela é, como refletiremos adiante, também um meio de ligação cultural e identitário, de expressão, no nosso contexto, de lusofonias invisíveis.

2. A rádio e o sentido de comunidade

Não sendo hoje apenas o canal de transmissão de informação inventado por Marconi, a rádio é comunicação na medida em que a comunicação deve ser entendida como contacto, relação e interação, partilha não apenas de ideias, mas também de emoção, sensações e afeição. Ora, compreendendo todas estas ações, o espírito da rádio é essencialmente o de construir comunidade. Desde as famílias que reunia em seu redor, nos anos dourados, para ouvir espetáculos, música e teatro, até aos grupos de audiências que cativa, a rádio tem intrínseco à sua natureza um efeito agregador, que se exprime na relação intimista que promove. Ainda que os contextos de escuta estejam hoje muito mais marcados por práticas de individuação, sintonizar uma rádio é ainda uma forma de integrar uma comunidade; uma comunidade de ouvintes que partilham interesses, gostos, preferências musicais e até, em muitos casos, sensibilidades humorísticas.

O conceito de comunidade está habitualmente associado a um conjunto de características

¹ Dados disponíveis no site da Marktest, em <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~1c89.aspx>

² Andrew Crisell explica que o som “parece não existir como um fenómeno isolado, sendo sempre a manifestação da presença das coisas” (1994: 43).

sociodemográficas e a uma delimitação geográfica que oculta o lado cultural e simbólico que as comunidades podem ter. No que à rádio diz respeito, pode dizer-se que, em Portugal, a ideia de comunidade também tem ficado reduzida de algum modo na ideia de localidade. Por vazio legal, não há no país uma tradição de criação de rádios comunitárias (ou de média comunitários, no sentido mais amplo do conceito). De acordo com a legislação portuguesa, as rádios definem-se essencialmente por uma categorização da programação, generalista ou temática, e pelo âmbito geográfico de emissão, internacional, nacional, regional ou local.

De acordo com a Lei da Rádio (Lei 54/2010, de 24 de dezembro), o acesso à atividade de rádio é um exclusivo de “pessoas coletivas que tenham por objeto principal o seu exercício” (Artº 15º). Segundo este princípio, está vedado o acesso à atividade a associações ou outras organizações de cidadãos que pudessem encontrar neste meio uma forma não comercial de promover a comunicação³, a formação e a dinamização de um exercício mais comprometido da cidadania. A menos que essa atividade seja exercida através da Internet, o que não requer propriamente um licenciamento, mas apenas um registo, a emissão radiofónica não contempla, na legislação portuguesa, a função educativa e/ou cultural desvinculada da atividade empresarial. Mas o sentido de comunidade é muito mais vasto, não estando adstrito na experiência de outros países, a uma ideia comercial de rádio.

Ainda que as rádios comunitárias sejam geralmente locais e mais ou menos temáticas, uma vez que são orientadas para uma audiência mais especializada, estas categorias não traduzem suficientemente a ideia de comunidade. Numa reflexão sobre sete equívocos relativos à comunicação comunitária, Marcos Palácios sugere que é desadequado considerar que a “comunidade é uma unidade de pequena dimensão, caracterizada fundamentalmente pela proximidade física entre os seus membros” (1990: 106). De acordo com o autor, o conceito de comunidade tem que ser tomado fora das fronteiras das comunidades locais, porque “comunidade não é apenas um lugar no mapa” e “as pessoas podem ter diversas experiências de comunidade independentemente de viverem perto umas das outras” (1990: 107).

Pensada a partir da experiência radiofónica, a ideia de comunidade deve ser tomada na sua múltipla expressão: afetiva, linguística, cultural, simbólica, geográfica, associativa. Com uma vocação para a proximidade, vastamente compreendida em termos de espaço e de intimidade, a rádio pode ser, no espaço lusófono, até pelas novas oportunidades criadas pela Internet, um meio de promessa e de ligação.

3. Rádio Ás: um projeto inovador

Extinta no início de 2014, por ordem da Câmara Municipal de Aveiro, uma das suas promotoras, a Rádio Ás nasceu como um projeto pioneiro, que foi também um projeto exploratório da utilidade que pode ter este meio para a promoção da cultura e da solidariedade lusófona. Em conformidade com a lei portuguesa, a Rádio Ás apareceu como uma emissora online, com transmissão exclusiva na Internet, sendo a sua iniciativa de uma parceria entre três municípios: Aveiro (Portugal), Santa Cruz (Cabo Verde) e São Bernardo do Campo (Brasil). Foi talvez o primeiro projeto de rádio sediado em Portugal a promover este tipo de ligação entre países de língua oficial portuguesa.

De acordo com o seu projeto editorial, a Rádio Ás tinha os seguintes objetivos: “a) motivar a participação cívica no espaço público, abrindo a programação ao movimento associativo e aos cidadãos; b) reforçar a coesão da comunidade, valorizando a programação que se relacione com os temas da vivência comunitária; c) aprofundar a abordagem à cultura urbana e à identidade local,

³ De acordo com Cammaerts (2009), as rádios comunitárias constituem uma alternativa aos modelos comercial e público de emissores de radiodifusão.

procurando que este meio difunda as marcas da tradição e da modernidade locais”. No âmbito da missão da emissora previa-se ainda que ela lograsse “a) consolidar o conhecimento mútuo, a cooperação e a relação de amizade entre os povos dos três municípios envolvidos no projeto; b) fomentar o valor e a experiência do multiculturalismo, uma vez que se perspetiva um intercâmbio cultural entre municípios de três países diferentes, cada qual situado num continente distinto; c) apoiar a divulgação da língua portuguesa, sendo um veículo da lusofonia na difusão universal de conteúdos através da Internet”⁴.

Assente num regime colaborativo, a programação da Rádio Ás resultava de uma dinâmica de participação de ouvintes, de associações e outras organizações sociais que assumiam o papel de produtores de conteúdos. Dependente, portanto, do contributo das próprias comunidades, este projeto definia-se por uma programação irregular especialmente concentrada em horário noturno. A generalidade dos programas era de autoria portuguesa, destacando-se apenas um programa feito a partir do Brasil, que é ainda emitido em outras rádios brasileiras. Para além de vários produtores e animadores individuais, a programação da Rádio Ás contava também com a participação de algumas associações e outros organismos públicos, como por exemplo a Associação Portuguesa de Educação Ambiental, a Secção de Basquetebol do Beira-Mar, a rede de bibliotecas Escolares do Agrupamento de Escolas de Aveiro, a Assembleia Municipal de Aveiro, a Associação de Apoio ao Imigrante e a Mon na Mon, Associação de Filhos e Amigos da Guiné-Bissau.

Para além de um conjunto de programas de carácter mais ou menos institucional, a Rádio Ás incluía também várias propostas musicais. Da iniciativa de autores singulares, em geral, estes programas apresentavam-se como espaços dedicados a diversos tipos de música, do jazz ao hard rock, passando pelo punk e pelo avant-garde. A música era na verdade um dos temas mais frequentes da programação da Rádio Ás, cuja periodicidade poderia variar entre o semanal e o quinzenal. Na inscrição para a disponibilização dos programas, os autores eram convidados a apresentar a proposta, discriminando os objetivos do programa em termos de temática, de público-alvo, de abordagens às culturas e às identidades locais, assim como referindo as preocupações com a temática multiculturalista e com o fomento da lusofonia.

A rádio Ás esteve online durante dois anos, ainda que com excessivas intermitências em termos de emissão e de regularidade da sua programação. Apesar do entusiasmo inicial, o projeto falhou aparentemente por falta de recursos para o suportar e provavelmente devido ao frágil e pouco expressivo envolvimento dos parceiros. Virtuoso na ideia, portanto, o projeto desta rádio comunitária não vingou para se constituir como um exemplo a replicar. Ainda assim, pelo menos três razões contribuíram para a originalidade deste projeto: a) a interseção de três parceiros de diferentes países; b) a estrutura colaborativa baseada em contributos de autores individuais, associações e outros grupos sociais e c) o investimento em conteúdo exclusivamente sonoro (para além da informação institucional, o site continha apenas a possibilidade de ouvir a emissão através da Internet).

Funcionando como uma espécie de ‘colónia de sons’, a Rádio Ás tinha no propósito ser uma emissora produzida por três comunidades para uma outra comunidade-alvo, uma comunidade construída do contributo dos três parceiros. Nesse sentido, embora sem ter alcançado totalmente o objetivo, esta rádio comunitária propunha-se ser não uma rádio para a comunidade, mas uma rádio feita pela comunidade, assim perseguindo o adágio da Associação Mundial de Rádios Comunitárias de acordo com a qual a “rádio comunitária não tem a ver com o fazer-se algo para a comunidade mas antes com a comunidade fazer algo por si própria” (Mtimbe, 1998: 34).

Constituindo-se como um projeto editorial mais livre que o das rádios comerciais, este modelo

4 <http://www.cm-aveiro.pt/radioas/RadioOnlineMissao.aspx?SelPg=1>. Acesso em janeiro de 2014.

de rádio comunitária, voltado para a expressão de identidades culturais, apresenta-se como uma oportunidade para a divulgação de produções próprias adequadas aos valores e às necessidades das comunidades (Peruzzo, 2006), mas também como um veículo das diferentes sonoridades da língua portuguesa. Sem obrigações relativamente à normalização fonética da língua, este tipo de projetos é permeável à diversidade de sotaques e à variedade de ritmos próprios de cada região ou país.

4. Lusofonia e identidade sonora

No pressuposto de que é na diversidade que se reconhece a unidade, pode dizer-se que o modelo de rádios baseado na comunidade é não só desejável como fundamental para contrariar os efeitos de uma globalização que tende a tornar tudo indiferenciado e homogéneo. À rádio em geral e aos projetos comunitários em particular cumpre hoje um papel especialmente relevante no que à defesa da identidade linguística diz respeito. Constituindo-se como uma alternativa à indústria criativa, também ela cada vez mais ajustada aos imperativos de uma suposta língua global, a rádio tem aqui também uma das razões da sua resiliência. Assente na palavra – que é o seu elemento plástico dominante –, ela oferece uma possibilidade para insistir na diferenciação linguística, que é uma questão não apenas de código gramatical, mas também de sons, de ritmos, de materialização de afetos.

Entendida como espaço de cultura (Martins, 2006: 50), a lusofonia constrói-se no domínio dos elementos visíveis, os símbolos, as cores, as paisagens, mas faz-se também da musicalidade que há nas palavras, na literatura, nas canções e nas próprias vozes que adquirem, apesar da língua comum, sonâncias muito expressivas de modos de viver e de sentir. É nesta dimensão que a rádio é, ou pode ser, cúmplice da construção de uma identidade que, apesar de invisível, porque essencialmente sonora, exprime a alma de comunidades que a história e a língua irmanaram. Com a vantagem acrescida de ultrapassar as restrições próprias do espaço hertziano e de não estar mais confinada a uma definição territorial graças à Internet, a rádio oferece ao debate em torno da questão lusófona a possibilidade de ligar lugares distantes na intimidade que só o som pode proporcionar (Oliveira, 2013: 187).

As tendências nos estudos de rádio evidenciam uma atenção particular da investigação aos desafios tecnológicos, ao discurso jornalístico, às dinâmicas de participação, às questões de regulação e de economia política do setor e à promoção da indústria da música. Mas a rádio é também o espaço para a criação estética e para a construção de narrativas aptas a traçar geografias de sons. Numa sociedade pouco estimulada a ouvir, investigar e desenvolver o papel da rádio para a divulgação do som que há nos lugares e que faz também aquilo que poderíamos chamar de paisagem sonora é um desafio não só para os estudos de rádio como também para os estudos lusófonos. David Hendy reconhece que “pela sua natureza é difícil para o som ser inteiramente apropriado ou controlado”, porque “a sua tendência natural é mover-se livremente pelo ar” (2013: xiv). Se uma história sonora da lusofonia não for possível, pelo menos o seu exercício está em toda a linha ao alcance de uma aposta no meio rádio e na colonização do ouvido.

Referências Bibliográficas

- Balsebre, A. (2004). *El lenguaje radiofónico*. Barcelona: Cátedra.
- Borreguero, M. (2008). *Nuevas perspectivas sobre los generos radiofónicos*. Madrid, Editorial Frágua.
- Cammaerts, B. (2009). “Community radio in the West. A legacy of struggle for survival in a state and capitalist controlled media environment” in *The International Communication Gazette*, 71(8), pp. 635-654.
- Crisell, A. (1994). *Understanding radio*. London and New York: Routledge.
- Hendy, D. (2013). *Noise. A human history of sound and listening*. London: Profile Books.
- Jedrzejewski, S. (2007). *The medium with promising future*. Lublin: Wydawnictwo KUL
- Martins, M. (2006). “Lusofonia e luso-tropicalismo. Equívocos e possibilidades de dois conceitos híper-identitários” in Bastos, N. (org.) *Língua Portuguesa. Reflexões Lusófonas*. São Paulo: Editora PUCSP, pp. 49-62.
- Mtimbe, L. et al. (1998). *What is a community radio?*. AMARC Africa: Panos Southern Africa.
- Oliveira, M. (2013). “Sounds and Identity: the role of radio in community building” in Stachyra, G. (ed.) *Radio. Community, challenges, aesthetics*. Lublin: Maria Curie-Skłodowska University Press, pp. 177-188.
- Palácios, M. (1990). “Sete teses equivocadas sobre comunidade e comunicação comunitária” in *Comunicação e Política*, nº 11, pp. 103-110.
- Peruzzo, C. (2006). “Rádio comunitária na Internet: empoderamento social das tecnologias” in *Revista FAMEcoS*, nº 30, pp. 115-125.
- Portela, P. (2011). *A rádio na Internet em Portugal*. Ribeirão: Húmus.